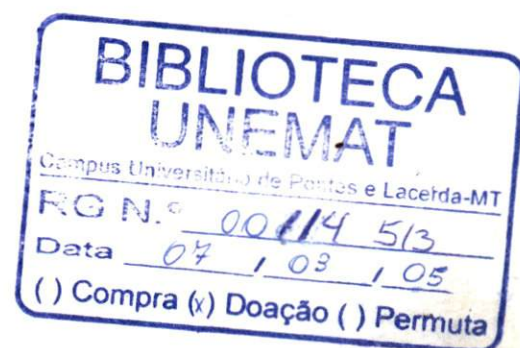


82.09
p436r



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

OS RATOS: OS PARADOXOS DO HOMEM NA SOCIEDADE PÓS MODERNA

MARLI ALVES PEREIRA

PONTES E LACERDA

2004

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

OS RATOS: OS PARADOXOS DO HOMEM NA SOCIEDADE PÓS MODERNA

MARLI ALVES PEREIRA

Ensaio Monográfico de conclusão
do curso de graduação em Pontes e
Lacerda, apresentado ao
Departamento em Letras (DL) da
Universidade do Estado de Mato
Grosso – Campus Universitário de
Pontes e Lacerda, como requisito
parcial para obter o título de graduada
em Letras.

Orientadora: Vanderluce Moreira
Machado Oliveira

PONTES E LACERDA

2004

DEDICATÓRIA

Dedico em especial a professora doutoranda
Madalena Machado, por ter despertado em
mim amor a literatura e descobrir que ter
acesso à ela é um direito de todos, cabe a cada
um percorrer suas trilhas e permitir que a
mesma descortine o mundo para si.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me amparado em mais esta etapa da minha vida. Por ter permitido triscar em alguns conhecimentos e construções humanas; e despertado-me para estes conhecimentos, fazendo com que eu perceba que cada ser constrói sua história, carregando em si a capacidade humana de viver.

Em especial as minhas três mães: Honória Fernandes da Silva, pela nossa história de vida, por ter desistido de sua juventude para que eu existisse. Para minha avó Sebastiana Maria Pereira, em meio tanta luta não permitiu que faltasse o sustento aos filhos, sua existência me ensina a ser forte. A Mércia Almeida Simões que acrescentou muito em minha vida, mesmo sabendo das minhas limitações amparou-me e incentivou a acreditar que somos todos capacitados a aprender. Sou grata por ter incluído-me em seu mundo, mesmo sendo de mundos diferentes, acreditou no meu crescimento. Tudo que sou e espero ser, devo a vocês.

Aos meus familiares que torceram para que este momento chegasse. Também para minhas amigas, Gisele Santos Sales e Jeicimary de Souza Araújo, por ter conseguido conviver com o meu "bom humor" durante o curso.

A todos os professores que compartilharam do seu conhecimento, incentivando-nos ao crescimento. Em especial a minha orientadora Vanderluce Moreira Machado Oliveira, pela sua autenticidade que com seu jeito singular tem acrescentado muito em minha vida.

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

Local e data da aprovação

"Tudo vai, tudo torna; a roda da existência gira eternamente. Tudo morre; tudo torna a florescer, correm eternamente as estações da existência.

Tudo se destrói, tudo se reconstrói, eternamente se edifica a mesma casa da existência. Tudo se separa, tudo se saúda outra vez; o anel da existência conserva-se eternamente fiel a si mesmo."

NIETZSCHE

SUMÁRIO

1- Resumo.....	6
2- Apresentação.....	7
3- Introdução.....	10
4- Os Ratos: Os paradoxos do homem na sociedade Pós-Moderna.....	11
5- Considerações finais.....	26
6 – Bibliografia.....	27

RESUMO

Nessa análise abordamos na obra "Os Ratos", os paradoxos do homem na sociedade pós-moderna. Entender de forma limitadora, como o autor Dyonélio Machado, tem apresentado o homem contemporâneo e suas crises existenciais frente à sobrevivência, como também, suas angustias em ser autêntico enquanto sujeito sócio-histórico ou simplesmente um ser "perdido" aos demais em uma sociedade globalizada.

PALAVRAS-CHAVE: existência, fragmentação, pós-modernidade.

APRESENTAÇÃO

A obra “Os Ratos” (1930) de Dyonélio Machado, é uma narrativa simples que chama a atenção pelos conflitos que a vida moderna suscita no interior do ser humano. Através desta obra o autor tem escavado os conflitos do homem na sociedade (urbana). Para entender essa ficção intimista é importante que o leitor saiba em que contexto histórico foi escrito.

Na década de 30 os escritores se dividiam entre os que apoiavam o engajamento político em seus textos e aqueles que reagiam conservadoramente contra a dominação da arte pela política. Neste período o Brasil passava por uma grande revolução, conhecida como Revolução de 1930 em que se inscreveu uma instabilidade política que tomou conta da América Latina, que produziu grandes agitações e golpes militares. Era Vargas, esta revolução teve importância para os rumos da história brasileira, pois afastou do poder os fazendeiros do café que controlavam o governo Prudente de Moraes, abrindo caminho para reorientação política e econômica do país.

A indústria passa a ser o setor mais prestigiado da economia, ocorrendo mudanças na estrutura da sociedade, intensificando o fluxo migratório das pessoas do campo para os centros urbanos adicionando o crescimento vegetativo da população.

É neste contexto histórico, que temos a Segunda fase do modernismo, momento literário em que as mudanças políticas, econômicas e culturais, obrigavam os artistas brasileiros a definir-se na trama do mundo contemporâneo. Através da prosa urbana, alguns autores enfocavam os conflitos do indivíduo frente à sociedade e por uma linguagem metafórica os autores procuravam analisar nossa “realidade” social.

Nesse momento histórico Dyonélio Machado escreveu a obra “Os Ratos” fazendo desta obra uma reconstrução minuciosa da vida da pequena classe média ralada pelas agruras do cotidiano.

Nesta perspectiva, estarei analisando, na obra, alguns dos paradoxos do homem contemporâneo junto à sociedade moderna. Para esta análise estarei me baseando nos teóricos abaixo:

BOSI, ALFREDO: *História da Literatura Brasileira*. O autor faz um estudo da literatura da época colonial até as principais tendências contemporâneas.

ITALO, CALVINO: *Seis propostas para O próximo Milênio*. Nesta obra nos é apresentado cinco valores literários para o século XXI, dentre esses valores o autor destaca a Leveza, a qual segundo Calvino apresenta uma lógica sutil e sensível ao leitor proporcionando ao mesmo uma reflexão sobre a sua existência e a sua relação com o mundo.

HEIDEGGER, MARTIN: *Ser e Tempo*. É um marco da filosofia, esta obra aborda o sentido do ser. O homem e suas articulações existenciais.

NOGARE, PEDRO DALLE, *Humanismo e Anti-humanismo, Introdução à antropologia e Filosofia*. Este livro visa dar uma idéia das evoluções históricas das concepções do pensamento humano. Expondo alguns pensamentos de importantes filósofos tais como: Nietzsche, Heidegger, Sartre, Marx, Kierkegaard, Levi-Strauss e outros. Apresentando algumas das concepções que o homem teve de si, iniciando através da concepção humanista, depois renascentista até o humanismo contemporâneo.

SANTIAGO, SALVIANO: *Vale quanto pesa. Ensaio sobre questões Políticas-Culturais*. O autor faz uma análise da função social do romance contemporâneo.

LYOTARD, JEAN FRANÇOIS, *O Pós-Moderno*. Estes textos analisam a natureza do saber, sua legitimação junto ao homem como também o vínculo social do saber na sociedade moderna.

HUYSEN, ANDREAS: *Mapeando o Pós-Modernismo*. O autor faz uma exposição das mais recentes tendências das artes contemporâneas.

WALTER, BENJAMIM: *Os pensadores*. É uma análise sobre a situação do romance contemporâneo e a posição do narrador do romance contemporâneo.

HUTCHEON, LINDA: *Poética do Pós-Modernismo: História, Teoria, Ficção*. A autora faz uma análise da Poética do Pós-Modernismo a partir das contradições entre a teoria e a prática cultural, afirmando que o pós-modernismo é um fenômeno cultural atual, o qual tem provocado muitos debates, pois o mesmo abrange todas as expressões de artes. O enfoque principal de seu trabalho concentra-se na sobreposição entre a teoria e a prática. Referindo que a arte Pós-Moderna tem enfrentado forças contrárias no mundo histórico, social e político.

HALL, STUART, *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. O autor faz uma análise da identidade cultural do homem na sociedade pós-moderna, destacando que mudanças estruturais da sociedade estão fragmentando e deslocando as identidades do mesmo.

INTRODUÇÃO

O homem neste início de século, busca uma forma de identificar-se na sociedade em que vive. Esta realidade tem sido abordada nas literaturas contemporâneas. Desta forma escolhi trabalhar com o paradoxo do homem contemporâneo na obra “Os Ratos” de Dyonélio Machado, por entender que através da literatura o homem se redescobre enquanto sujeito histórico e social.

Nesta análise pretendo abordar de forma limitadora, a crise da identidade do homem pós-moderno, por meio do personagem Naziazeno e pela ótica do autor Dyonélio Machado. Com objetivo de entender o movimento existencial do sujeito pós-moderno na sociedade.

OS RATOS: OS PARADOXOS DO HOMEM NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

A obra “Os Ratos” narra a saga de uma dia na vida de um homem simples, Naziazeno Barbosa, e de sua briga com o leiteiro logo nas primeiras horas da manhã. Briga esta causada pelo atraso do pagamento do leite. Naziazeno atravessa as vinte e quatro horas mais longa de sua vida, entre funcionários públicos, agiotas, casas de penhores, jogo de bicho e cafés, em busca de dinheiro que parecia custar-lhe pouco, mas tornou-se caro.

Depois de ridicularizado diante dos outros funcionários públicos pelo seu diretor Dr. Romeiro, Naziazeno vê seu problema resolvido as duras penas pela “marginalia” representada por Duque, o agente corretor da miséria, Alcides o “vigarista” e Modina “o rábula”.

O autor ao compor a obra lançou mão de duas formas no romance. Por um lado um romance de grande envolvimento intelectual com a realidade do país, pelo outro lado um romance psicológico descentralizando o enfoque narrativo de fora para dentro do sujeito. Simbolizando através do protagonista, o sufoco psicológico que sofre um modesto funcionário da pequena burguesia marginalizada, vantagens e desvantagens que o homem contemporâneo tem em uma sociedade modernizada.

Antes de falarmos sobre alguns paradoxos do homem contemporâneo na sociedade pós-moderna gostaria de expor um dos pensamentos humanista que Pedro Dalle Nogare analisa em seu livro “humanismo e Anti-Humanismo”.

Para Nogare há diferentes concepções de humanismo, mas todas filosofias humanistas atribuem ao homem algo característico, específico em relação aos outros seres do mundo. O que chama atenção é o humanismo de caráter ético sociológico o qual expõe o costume e a convivência social do homem.

Segundo Nogare (1978), esta filosofia é uma doutrina que atribui ao homem, a sua realização na sociedade, como também na história. Afirmando que o homem vive em harmonia com a família, na sociedade e com os outros.

Dyonélio quebra este conceito harmonioso de um homem concreto em sociedade, ao iniciar o romance com a briga do leiteiro e Naziazeno, com seus vizinhos

assistindo por detrás da cerca, mudos como se não vivessem a mesma realidade, “todos aqueles quintais conhecidos tem o mesmo silêncio” (Machado, 2002,p.9). Depois do leiteiro sair furioso, Naziazeno fica sozinho, sente-se desamparado, vai para dentro de sua casa e ao ser questionado por sua mulher, se iria deixa-la sem fornecimento do leite, Naziazeno sente-se angustiado e sozinho, pois não tinha com quem contar ou pedir ajuda até sua esposa esperava dele uma solução. Naziazeno levanta-se. Tem o olhar inquieto. A mulher fita-o atentamente, como quem procura alguma coisa no seu rosto. Ele tem um relance de olhos para ela (MACHADO, 2002, P.10).

O autor expõe um personagem fazendo parte de uma sociedade moderna em que cada um prima por seu interesse. Demonstrando que cada ser está entregue a si mesmo, impactuando-nos com um ser humano angustiado constituído de silêncios e vazios.

Para Kierkegaard, (...) ninguém pode escapar a angustia, porque ninguém existe sem optar e escolher. E a angustia é o sentimento que acompanha toda escolha (...) (KIERKEGAARD, APUD NOGARE, 1978, p.134) através do protagonista , Dyonélio apresenta um homem angustiado, não somente pelas suas escolhas, mas sim perante a sua sobrevivência, pois é ela que o faz movimentar-se, o levando a uma errância. Errância em todos os sentidos, de vaguear, de cometer erros pela cidade. A angustia de Naziazeno torna-se tão forte que lhe causa mal estar. “Naziazeno também olha, e sente um mal-estar vago e indefinível... Sente um amargura doida dentro de si, na altura do peito e do estômago uma espécie de ânsia e de náusea”. (MACHADO, 2002, p.17).

Para Theilhard o que inquieta, angustia e atormenta o homem moderno é a evolução da humanidade onde o homem se vê reduzido a nada, em um universo amplo.(THEILARD, APUD NOGARE: 197) o sufoco psicológico que sofre o protagonista, nos remete simbolicamente a pequena burguesia urbana marginalizada em meio à modernização onde vivem e uma errância, perdendo-se na angustia de seus pensamentos.

Naziazeno fica andando pela cidade e os gritos do leiteiro ecoam em seus pensamentos.

Há um estribilho dentro de seu crânio, “lhe dou mais um dia! Tenho certeza” Quase ritmada “lhe dou mais um dia/ É que ele esta se fatigando, nem resta dúvida. A sua cabeça mesmo vem se enchendo confusamente de coisas

estranhas, como um meio sonho...é a nova ligação angustiosa (MACHADO, 2002, p.19).

Heidegger tem uma visão diferenciada de Theilhard sobre a angustia do ser. Enquanto o segundo acredita que o homem está só, entregue a um universo amplo e a sua única reação a esta realidade é angustiarem-se e sentirem-se reduzido a nada. Heidegger acredita que a angustia do homem proporciona uma abertura para o mundo em que vive.

Conforme Heidegger o objeto que a angustia e se angustia é o ser no mundo, não tendo nada ver com o manual intramundano, mas sim ao ser da presença como ser. O ser ao angustiar-se tem várias interpretações e possibilidade de conhecer o mundo. É angustia para Heidegger é o meio pelo qual o ser passa refletir sobre o mundo e o seu lugar no mesmo.

A angustia não é somente angustia com...mas, enquanto disposição , é angustia por... o por que a angustia se angustia não é um mundo determinado de ser uma possibilidade da pré- sença. A angustia retira, pois na de cadencia compreender a si mesma a partir do "mundo" e na interpretação pública...se angustia para o seu próprio poder-ser-no mundo.(HEIDEGGER, 2001,p.251)

Para Heidegger a angustia singulariza o ser mundo, fazendo com que o mesmo sinta-se diferenciado dos outros, aprendendo a viver no mundo onde foi lançado. Através desta visão podemos entender que a angustia de Naziazeno demonstra a angustia do homem contemporâneo entre a existência e a sobrevivência. Lançando-o a um desespero onde a vida torna-se insuportável. Para Italo Calvino:

O peso da vida está em toda forma de opressão, a intricada rede de construções pública e privadas, acaba por aprisionar cada existência em suas malhas cada vez mais serrada...o romance nos mostra como na vida tudo aquilo que escolhemos e apreciamos pela leveza acaba bem cedo se revelando de peso insustentável (CALVINO, 1997, p.19).

Dyonélio Machado extrai do personagem um indivíduo só, e que é mais um entre outros, como nos afirma Jacques Monod.

(...) é preciso que o homem enfim desperte de seu sonho milenar para descobrir sua solidão total, sua estranheza radical. Agora, sabe que como signo, está a margem do universo onde deve viver. Universo surdo à suas esperanças, como a seus sofrimentos(...) (MONOD, APUD, NOGARE, 1987,p.243).

A angustia e dilaceração do protagonista se estende não só existencial sobre tudo física, a exemplo:

Tem uma preguiça doentia. A sua cabeça está oca lhe arde...vem uma fraqueza um amolecimento nas pernas...ele sente que foge o sangue da cara...seu coração bateu mais acelerado, veio-lhe um pouco de dor de cabeça.(MACHADO, 2002, p.46).

Para Naziazeno a vida é hostil, e a angustia que sente está fora e dentro de sua consciência. Por meio da angustia de Naziazeno, podemos observar um sujeito com sua identidade fragmentada na sociedade pós-moderna.

A respeito desta fragmentação, Hall Stuart (2002) afirma que hoje o homem é um ser com identidade fragmentada e vive sob o signo da pós modernidade. Essa falta de identidade acontece pelo fato do homem não poder viver mais na sociedade como um ser pleno, como na concepção dos Iluministas, unificado desde o seu nascimento até a sua morte, ou como sujeito sociológico, possuidor de uma essência que identificaria no mundo. Atualmente o homem vive um novo paradigma, sendo um sujeito pós-moderno, sem identidade fixa, nascido na diversidade de culturas do mundo globalizado, tendo sua identidade construída e reconstruída constantemente ao longo se sua existência. O autor ainda afirma que em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificações, e vê-la como um processo de andamento.

Desta forma, a heterogeneidade do homem pós-moderno é destacada por Dyonélio Machado, ao apresentar através do protagonista um homem que não se reconhece mais nesta atual identidade que esta sendo oferecida pela sociedade contemporânea, pois ele vive os conflitos de ter sua identidade fragmentada e busca mesmo inconsciente afirmar o seu “EU” social e satisfazer suas necessidades pessoais.

Dramatização dos verdadeiros e cruciais problemas humanos, sociais e políticos de uma sociedade, dramatização esta que acaba por deixar descoberto "o esqueleto" da natureza humana, das relações sociais e das dominações políticas. (SANTIAGO, 1982, p.57).

Relações estas que tem sido enfocada na literatura contemporânea através da estrutura do texto, conciliando uma pluralidade de níveis de leitura na obra, podendo colocar em questão a formação das sociedades modernas e, através de um recorte específico, a formação econômica-social do Brasil,

Para Bosi (1994), a literatura contemporânea abriu caminhos para mais diversas e complexas formas de ler e narrar o cotidiano, e os romancistas da década de 30 tinham uma visão crítica das relações sociais, seus romances serviam para a decifração do homem na sociedade,

Dyonélio como profundo conhecedor dos conflitos humanos (pois era psiquiatra) fez desta obra uma exposição dos mais diversos conflitos que a sociedade gera no interior do homem. Segundo Bosi:

Dyonélio Machado tem escavado os conflitos do homem em sociedade, cobrindo com seus contos e romances-de-personagem a gama de sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa. (BOSI, 1994, p.388).

Naziazeno lança-se a um errância pela cidade, pois sabe que não encontrará solução no seu trabalho, sendo que o acha monótona , fica triste ao lembrar em outras ocasiões já havia se refugiado nele. "Não era raro vir-lhe um remorso, uma acusação contra si mesmo, contra esse espírito inferior de esquecer prontamente de "achar" no ambiente aspectos compensadores". (MACHADO, 2002, p.27). Naziazeno é fruto de um sistema capitalista, o qual seu trabalho não é o caminho para solução de seu problema. "Com essa reflexão, Naziazeno, longe de se tranquilizar, fica inquieto". (MACHADO, 2002, p.27). Essa inquietude de Naziazeno reflete um indivíduo confuso com o mundo tentando resolver as coisas do mundo como vê em:

Nos romances em que a tensão atingiu ao nível da crítica, os fatos assumem significados menos “ingênua”, e servem para revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana. (BOSI, 1994, p.393).

Ao tematizar “Os Ratos” (2002) simbolicamente o autor nos remete a seres que vivem no submundo da sociedade, vivendo das sobras, do resíduo que é produzido pela mesma. Seres que lutam para sobreviver amontoados no submundo capazes de ferirem os que são da mesma espécie, se necessário for, para sobreviver. Para Hutcheon (1991) a vida e a arte se encontram em um nível temático, pois é o tema do romance que tenta demolir o muro existente entre as fantasias literárias e as realidades do mundo. O corpo despedaçado exausta de Naziazeno confunde com o corpo da modernidade urbana, sua errância estranha e heterogênea, torna-se um movimento aflitivo entre ter e ser.

Ao ser humilhado na presença de seus colegas de trabalho, pelo seu diretor Dr. Romeiro, Naziazeno sai arrasado, sente vergonha até de olhar para as pessoas na rua.

Uma inspiração de ar, longa e meio doida, levanta-lhe com dificuldade o peito de chumbo. A palavra e a figura do diretor esmagaram-no “esmagaram-no” é o termo. Não poderá discutir com a mulher, nem exigir respeito depois do que lhe sucedeu seria iníquo (MACHADO, 2002, p.42)

A imagem de Naziazeno dividido entre ter e ser reflete que o homem na sociedade está “coisificado” pelas coisas em sua volta e que o ser está em detrimento do ter, que determina que o mesmo viva neste ciclo vicioso, a exemplo.

“O que é que pode significar o vocábulo Liberdade numa sociedade em que massas dependem de um pequeno número de homens que de fato exercem sobre elas um direito de vida ou morte”(FIGUEIREDO, APUD, NOGARE, 1987, P.261). A liberdade de Naziazeno estava condicionada ao dinheiro e ao pequeno número de homem o detém.

Para Naziazeno, seu tormento acabaria no momento em que ele conseguisse o dinheiro... Solucionará tudo, porque – é seu feitio ou seu mal – ele faz (desta vez como de outras) deste negócio o ponto único, exclusivo, O Tudo centrado da sua vida”. (MACHADO, 2002, p.24). O dinheiro, o ter, tem feito do homem moderno seu escravo, o ter tem sido O Tudo, concentrado de sua vida. Sobre isso Keikegaad afirma que:

O plano de ter é o plano da objetividade, da problematização e, portanto o plano da alienação da angústia, do desespero. É nesse plano que o homem é degradado a simples objeto. O plano do ser é o da subjetividade, das experiências pessoais em que o homem se reencontra a si mesmo, vive sua existência autêntica, realiza suas potencialidades(KEIRKEGAARD APUD, NOGARE, 1987, p.142).

É importante notar que Dyonélio Machado apresenta-nos um homem em crise com o meio que vive, esta crise se instala por este homem fazer parte de uma sociedade fundamentada no domínio do ter, fazendo-o viver nas malhas da esperança e desespero. Em um jogo angustiante entre a objetividade e subjetividade.

Segundo Heidegger, o ser só pode ser determinado a partir de seu sentido como ele mesmo, todo questionamento é uma procura e compreensão do ser e só nos resta encarar o ser no movimento de seu sentido. Para Heidegger o homem é o lugar, a locada, a clareira do ser. O homem se define pela referência do ser. Sendo assim, o homem pós-moderno procura meios de viver num mundo em constantes mudanças, ao mesmo tempo em que busca sua satisfação na sociedade tenta afirmar seu lugar na mesma, passando a ocupar-se mais com os entes e não com a essência do ser.

É num movimento existencial que faz com que Naziazeno questione sua vida como também daqueles que o cercam.

Naziazeno tem uma revolta... às vezes os funcionários que eles discutiam quase em pé de igualdade. E era um ladrão. Naziazeno tem uma revolta. Esse ganho fácil e criminoso é uma extorsão aos demais. (MACHADO, 2002. p. 34).

A agonia de Naziazeno vem de um mundo onde o sujeito é "abandonando", só, ele sente-se mais um entre outros. Neste caso é exposta a fragmentação do ser, não é só ele que vive este tipo de conflito, em silêncio tem mais pessoas vivendo a mesma situação,:

A sua tristeza tem sempre esse rebate no estômago e no peito. Sente-se dentro de si um oco dolorido, ao mesmo tempo que as feições se lhe repuxam... E pela Segunda vez, nessa manhã, a impressão da solidão, de

abandono... Naziazeno vê-se no meio da sala, atônito, sozinho, olhando para os lados, pra todos aqueles fugitivos, que se esgueiram que se somem com pés de ratos... (MACHADO, 2002. p. 36).

Segundo Bosi, a obra voltou-se para a obsessão do encarceramento a angústia do ser humano preso à condição urbana e sob o regime do terror, qualquer que seja o tempo histórico que lhe tenha sido dado viver. (Bosi, 1994. p. 49) a crise psicológica do personagem remete-o a um mundo subjetivo, o qual faz com que o mesmo se sinta isolado dos demais na sociedade. Hutcheon afirma que a literatura contemporânea

Contesta e desafia o sujeito, o pressuposto humanista de um eu unificado em uma consciência integrada... afirma as diferenças e não a identidade homogênea... não há uma "verdade" mas sim "verdades" que são condicionadas sociais, ideológicas e historicamente (HUTCHEON, 1991. pgs. 13, 22, 37).

Dyonélio Machado questiona, através da obra, a filosofia ideológica de uma humanidade homogênea na sociedade, demonstrando que o homem pós-moderno busca na heteronímia da sociedade formas de poder se resocializar neste novo mundo. Sua crítica estende-se principalmente à sociedade de 30, a qual passava por grandes mudanças sociais e filosóficas, afirmando através do protagonista que o homem sente-se perdido em meio à modernização urbana.

O autor, ao recortar simbolicamente o perfil das relações sócio-econômicas de um momento da formação nacional da década de 30, fez de "Os Ratos" um romance inovador, permitindo que esta obra desse um salto entre a fase estética à fase ideológica. Conforme Hutcheon;

A escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensina que a ficção e a história são discursos que constitui sistemas de significações pelo que damos sentidos ao passado. E o sentido e a forma não estão nos acontecimentos, mas nos sistemas que transformam esses acontecimentos. (HUTCHEON, 1991. p. 12).

Esta possibilidade de relação estética e os acontecimentos históricos é feita simbolicamente num jogo entre o real e o imaginário, pois o próprio autor afirma que:

Eu falo de coisas simbólicas. Existem muitas coisas estranhas que têm valor de coisas reais, toda a vida se faz assim, não é? Eu acho que todos nós somos simbolistas: nós não somos nós, somos uma imagem de nós.

Segundo HUTCHEON (1991), afirma que a vanguarda histórica oferece aos Pós-Modernismo um modelo para contestar a rigidez das fronteiras entre a arte e a vida. Fronteiras estas expressas por Dyonélio Machado através da obra. Apresentando através de Naziazeno um ser vivendo os paradoxos de uma sociedade modernizada, fazendo dos conflitos do personagem o centro da narrativa expondo um homem constituído de vazios e pleno, de palavras e silêncios perdido entre os demais na sociedade, a saber um ser fragmentado,

O homem na sociedade tem, através dos diversos meios de comunicação, transferido a sua singularidade ao plano coletivo. O grande avanço dos meios de comunicações tem acabado com as fronteiras, com as distâncias do planeta tornando os relacionamentos humanos cada vez mais rápidos, fazendo com que os homens se aproximem mais, tornando a humanidade em uma comunidade mundial. Esta modernização tem feito com que o homem viva um paradoxo entre a sua singularidade e coletividade, entre ser autêntico em sua existência ou dependente da bondade dos demais.

Naziazeno passa o dia em busca de um favor, de alguém para socorrê-lo. Uma de suas primeiras "esperanças" essa manhã foi o Duque. O seu gênio o protegia e o inspirava (MACHADO, 2002. p. 22). Ele fica pensando como pediria ajuda ao diretor, depositando nele sua confiança.

"Doutor, vejo-me outra vez forçado a recorrer... não é vago, geral. Deve dizer o fato o que se passa. Quando pensa pedir ao diretor sessenta mil réis emprestados... chega sentir um vermelho, quente na cara, tão despropositado lhe parece tudo isso...não! está a ver o diretor, tirando o dinheiro do bolso, entregando-lho num gesto quase furtivo (MACHADO, 2002. p. 23)

É através da ajuda das outras pessoas, de um conhecido, que ele vê a possibilidade de se livrar das ratoeiras da vida, proporcionando a ele alívio temporário, fazendo com que o mesmo estreite mais seu vínculo pessoal de dependência aos ratos cordiais, bons e mais, da sociedade.

Para Nogare, Levis-Strauss não vê o sujeito centro de liberdade de iniciativa, e que esta recusa de um sujeito individual desdobra-se nas seguintes reduções:

- Do individual ao coletivo impessoal,
- Do consciente ao inconsciente categorial.
- Da liberdade à necessidade.

Levis-Strauss retira do sujeito a sua subjetividade e atribui uma racionalidade impessoal e ambiental.

Conforme Nogare, se pensarmos nesta perspectiva, o sujeito da filosofia moderna desaparece. O homem seria um feixe de relações e estruturas predeterminadas e estáveis, sendo reduzido uma "coisa" entre as coisas, (...) tudo é coisa e nada mais é humano (...) (NOGARE, 1987, p. 266, 227), Naziazeno não acredita que a solução para seu problema partirá de sua ação, de sua iniciativa, mas sim da cordialidade de um "outro", do Duque como já foi passado da cordialidade do diretor, ou poderia vir do acaso da sorte no jogo.

Se analisarmos as relações sociais que plasman a figura de Naziazeno percebemos que elas não se compreenderiam fora do pacto entre os homens cordiais. Naziazeno se julga "em débito" com os homens, desde que vai ser salvo pela bondade dos homens. Ele é toda humanidade solidariedade. (Machado, 2002. p. 25). O Duque atua em relação ao Naziazeno com paternalismo, não pondo em dúvida a necessidade de Naziazeno, arrisca até a perspectiva de um bom negócio com o Dr. Mondina em uma complicada transação de dinheiro do penhor do anel de bacharel de Alcides.

Dyonélio trabalha com a ideologia cordial entre os homens da sociedade, demonstrando que o homem moderno acredita que estando ele "condenado" a vaguear em busca da sobrevivência poderá safar-se de uma relação harmônica com outros, mas o que se descortina através desta aparência colhedora da sociedade moderna é uma sociedade

alienante, suspensão entre o ser e o ter, dominada pelos valores de trocas nos emblemas modernos. Como se observa no fragmento abaixo:

Nas atividades humanas há aspecto universal necessário, fundamental igual para todos, independentes dos indivíduos, mas há também um aspecto individual, livre, diverso para cada um... todos somos homens, mas cada um a seu modo, como todos temos um rosto, mas há um rosto que seja perfeitamente idêntico aos do outro. Todos temos em comum algumas atividades mas elas assumem um feitiço especial em cada indivíduo (NOGARE, 1987, p. 228).

Assim, Nogare contraria a visão de levi-Strauss, acreditando que através da iniciativa do homem há possibilidade de o mesmo recuperar a sua subjetividade social.

Em consonância com a visão de Nogare, Heidegger afirma que, o ser só pode ser existindo, a essência da presença está fundamentada em sua existência, os outros não significam todo o resto dos demais além de mim, do qual se isolaria (...) os outros ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes ninguém se diferencia propriamente entre os quais também se está (...) (HEIDEGGER, 2004, p. 170). Já Dyonélio desestabiliza a visão de um ser conhecedor de sua existência fazendo com que a existência do personagem seja vinculada às relações sociais, e sua errância torne-se no fundo um movimento complexo, à borda da alienação, em que o homem torna-se mais um entre os outros.

Passa junto dele um conhecido — como é? Como é o nome desse rapaz? Justo Soares (...) — com que chegara a ter relações um tanto estreitas, e que agora não o cumprimenta mais. O seu olhar procurou apoio aqui ali, ele teve de voltar à cabeça para um outro lado, meio atarantou-se para fugir ao cumprimento, conhecera o Justo Soares a propósito daqueles "metros cúbicos de recalque" um pouco intrincado. Fizera-se intimidade entre eles... agora Justo Soares não o cumprimenta mais, é que certas amizades se extinguem quando se extinguem os negócios que as originaram. É razoável, quanto "conhecido" seu nessas condições ele poderiam rememorar (...) (MACHADO, 2002, p. 40).

A amizade para Naziazeno está ligada às relações de trocas, acabando o interesse, a amizade se extingue tornando-se estranhos. (...) Os homens não falam... Há os que se conservam sempre sós, num afastamento sistemático (...) (MACHADO, 2002, p. 61). Através da narrativa, Dyonélio expõe uma realidade complexa, articulada numa pluralidade de relações, de demonstram que um único discurso dentro desta pluralidade talvez não consiga sozinho apanhar sua essência. O autor parece posicionar no próprio ponto crítico entre dois universos, o da pluralidade e singularidade do homem no meio social.

Naziazeno tenta entender a sua realidade social, usa todas as formas, física e psicológica para captar a vida que o cerca. Através da insônia irá rever-se bons estilhaços da memória involuntária, aquele dia infernal que passou em busca do dinheiro, reunindo os vários fragmentos do real que vêm de diferentes modos, dos sons, o ruído do mundo externo (...) vem daqueles lados um ruído surdo: a cidade (...) (MACHADO, 2002, p. 74). Esta fragmentação sensorial simbolicamente representa a figura da dilaceração do corpo do protagonista, da sua errância que é, sobretudo, física e existencial.

As experiências traumáticas de Naziazeno a uma busca coagida ao dinheiro do leiteiro, manifesta-se num sintoma figural dos ratos roendo o resultado da sua cara. Seres inquietos, que vão em busca da sobrevivência, num mundo hostilizado onde o que lhe resta é apenas a sobra do que é produzido na sociedade.

A saber: O Pós-Modernismo faz uma apresentação literária que perturba os leitores forçando-os a examinar seus próprios valores e crenças, em vez de satisfazê-los ou mostrar-lhes complacência. (HUTCHEON, 1991, p. 69).

A autora afirma que a arte pós-moderna não tenta negar o indivíduo, mas de fato o "situam" na sociedade desafiando toda tradição humanista ocidental como vê-se em: A arte Pós-Modernista visa inquietar-nos a fazer-nos questionar nosso pressuposto sobre a forma como produzimos significados, como conhecemos, como podemos conhecer (HUTCHEON, 1991, p. 81).

Para a autora, grande parte da teoria contemporânea questiona todos os conceitos inter-relacionados como: autonomia, transcendência, certeza, autoridade,

unidade, totalização, sistema, universalização, centro, continuidade e origem. Questiona, porém, não os nega.

Naziazeno é um homem sem autonomia, seu existir está veiculado à universalização de um sistema que o subjuga, causando no seu interior, a incerteza de sua existência. Por meio do personagem, o autor questiona qualquer pretensão de pensarmos num indivíduo autônomo, homogêneo, e exclusivo na sociedade. Conforme HUTCHEON (1991), na teoria psicanalítica, filosófica e literária do Pós-Modernismo, a nova descentralização do sujeito e de sua busca no sentido da individualidade e da autenticidade teve importantes repercussões.

A fragmentação psicológica que sofre Naziazeno desfaz a idéia humanista de um ser completo, vivendo harmonicamente na sociedade. Segundo HUTCHEON (1991) a arte pós moderna sempre tem consciência da diferença, diferença também dentro de qualquer agrupamento, diferença definida pela contextualização ou posicionamento em relação à pluralidade dos outros.

Para Dyonélio, o homem está preso a dois discursos, um dos humanistas liberal, a qual visa liberdade, auto-realização, auto-determinação e racionalidade para todos. O outro discurso é o da submissão imposta pela modernização urbana deixando-o às margens da sociedade. Segundo HUTCHEON, é próprio da arte pós-moderna expor em seus temas aquilo que está às margens da sociedade.

As margens e as extremidades adquirem um novo valor, o excêntrico, tanto como off-centro quando descentralizado, passa a receber atenção, aquilo que é "diferente" é valorizado em oposição à "não-identidade" elitista e alienada e também ao impulso uniformizador da cultura de massas. (HUTCHEON, 1991, p. 170).

A agonia psicológica que Naziazeno passa em meio à sociedade, nos remete a perda dos valores tradicionais do homem frente à vida contemporânea. Perda esta que torna a essência do ser numa universalização vazia, na sociedade heterogênea e capitalista.

No entanto, Linda Hutcheon afirma que não podemos considerar o Pós-Modernismo como um novo paradigma, pois é uma força problematizadora que afirma as

diferenças, desafia todos os tipos de instituições, mas seu espaço é do debate, a traição de reconciliação e não unidade, ele problematiza a relação com o mundo rela.

Pós Modernismo é uma reavaliação da reação do indivíduo à sua sociedade... especialmente aos códigos semióticos de comportamento valor e discurso da sociedade contesta através da intertextualidade o fechamento e o sentido único centralizador (HUTCHEON, 1991, p. 64).

Segundo a autora o Pós-Modernismo procura problematizar e com isso fazer-nos questionar toda "realidade" não oferecendo respostas utópicas, mas perguntas que trarão possível qualquer processo de resposta, afirmando que é essencial que a duplicidade deve ser mantida e não resolvida.

Em consonância com Hutcheon Frideric Jameson (2002), afirma que o pós-modernismo não se restringe a uma variação e ou mudança de estilo, mas se caracteriza como uma variante cultural. Nesse sentido, todas as bases são modificadas, sejam elas, artísticas, econômicas, políticas, sociais, culturais, filosóficas dentre outras.

Dyonélio Machado, através da obra, não oferece respostas ou soluções para o homem contemporâneo, mas sim problematizar a vivência sofrida e lúcida do homem frente à nova burguesia industrial dos centros urbanos.

Através de um alegoria aos ratos, o autor desvenda o real sistema econômico-social do Brasil, evidenciando que a sociedade foi mal formada nesta terra desde o início. Aquilo que representa é segundo a forma da autoconsciência daquele que faz. 9HUTCHEON, 1991. p. 24). A obra escrita na fase ideológica-estética permite ao leitor a uma redescoberta da realidade social brasileira. Assim talvez induzi-lo a pensar as relações históricas entre a história e a literatura. Segundo Hutcheon isso se caracteriza como;

A ligação ontológica entre o passado histórico e a literatura não é eliminada, mas sim enfatizada. O passado realmente existiu, mas só podemos "conhecer" esse passado por meio de seus textos, e aí situa seu vínculo com o literário. (HUTCHEON, 1991. p. 168).

"Os Ratos" não corresponde somente este momento cronológico, mas através de sua matéria ficcional, representa o movimento humano dentro da história. Movimentos estes que o angustia, singulariza-o e insere-o a uma errância entre um paradoxo existencial frente á modernização. Fazendo com que a contemporaneidade se insinua como elemento constitutivo da própria formação humana, num processo ainda aberto, em que as coincidências, se haverá, são portanto extratextuais, fora da páginas, dentro da vida ou da história, se quisermos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas reformulações de valores impostos pela sociedade pós-moderna, tem colocado o homem em crise, pois o mesmo teve sua identidade e referência fragmentada, a saber, não foram oferecidas novas perspectivas, ele teve que aceitar as identidades coletivas mesmo não abandonando sua individualidade.

É esse paradoxo, individual e coletivo, que tem sido abordado na obra "Os ratos", por meio do protagonista como também o seu angustiar frente à sobrevivência na sociedade urbana, demonstra que o sujeito pós-moderno tem sido obrigado a assumir várias identidades, dentro de um local totalmente variável, estando sujeito às transformações dos sistemas que o condicionam.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. *Os Pensadores*. 2 ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1994.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 7ed. Rio de Janeiro, D & A, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback, 13 ed. São Paulo: Vozes, 2004.
- HUTCHEON, Linda. *A Poética do Pós-Modernismo: História, Teoria, Ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HUYSEN, Andreas. *Mapeando o Pós-Moderno*. In: Holanda, Heloisa Buarque (org.) *Pós Modernismo e Política*, Rio de Janeiro, Rocco, 1991. Ed. Imago
- ITALO, Calvino. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. Tradução Ivo Barrocos. 2 ed. São Paulo: 2001.
- JAMESON, Frederic. *Pós-Modernismo: A lógica cultural do Capitalismo Tardio*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LYOTARD, Jean François. *O Pós-Moderno*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismo e Anti-Humanismo*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- SANTIAGO, Saviano. *Vale Quanto pesa. Ensaio sobre Questões Políticas-Culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.